

MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: INDAGANDO POR IMAGENS DE UMA SANTA CRUCIFICADA

JAIME DE ALMEIDA *

Dois artigos publicados no Boletim do CEIB (n. 18, março de 2001, n. 23, novembro de 2002) abriram caminho para se perguntar pelos passos de Santa Librada, ou Santa Comba, no Brasil e em Portugal, tema que não será explorado neste artigo. Há muitas controvérsias sobre uma santa crucificada, de origem galaico-portuguesa, cujas relíquias estão na catedral de Sigüenza desde o século XIII, trazidas da Aquitânia onde ela teria sido martirizada entre os séculos IV e VI. Há diferentes variações em que esta santa se chama Liberata ou Librada, ou Comba, Wilgefortis, Kümernis, Uncumber, etc., e às vezes se apresenta barbuda. A barba decorreria do equívoco dos romeiros que, ao passar por Lucca (na Toscana), viam o Cristo em Majestade conhecido como *Il Volto Santo*, cuja túnica lhes parecia uma roupa feminina. Em 1583, todas as variações da lenda se confundiram no *Martirologio Romano*. A Sagrada Congregação dos Ritos, decidiu em 1961, conduzir discreta e paulatinamente o culto a Santa Librada ao esquecimento.

Mas isto seria impossível numa cidade do Panamá. Dizem que em 1671, fugindo do ataque à antiga capital pelo pirata Henry Morgan, algumas famílias chegaram à foz do rio Mensabé onde havia uma ermida da Santa Cruz. Ergueram suas casas com as tábuas do navio e colocaram na ermida a imagem da Santa Librada. Logo surgiu divergência a respeito de quem deveria ser a padroeira do lugar, Santa Librada ou Santa Cruz. A rivalidade se expressava nas "tunas", grupos que saíam pelas ruas cantando desafios. A disputa entre os moradores de Calle Amba e Calle Abajo (Rua de Cima e Rua de Baixo) tornou-se o motor dos carnavais de Las Tablas. Mais importante que o carnaval, a festa de Santa Librada atrai multidões, dinamiza a cultura e cria a identidade regional. Recentemente, a política de esquecimento de Santa Librada sofreu uma guinada decisiva com a visita de Monsenhor José Sánchez González, bispo de Sigüenza-Guadalajara a Las Tablas, no dia 8 de fevereiro de 2006. Ele trouxe um fragmento de tábua retirado da urna de Santa Librada na catedral de Sigüenza. Na missa solene, Monsenhor González relatou os dados do arquivo da catedral a respeito de Santa Librada, visando corrigir o seu folclore. Sugeriu que ela deve ter sido decapitada e não crucificada; mas emendou, para acalmar os espíritos: "De toda forma, qualquer mártirio significa identificação plena com Cristo Crucificado".

Assim, Santa Librada voltou a ser reconhecida oficialmente, e seus fiéis contam agora com uma relíquia autêntica sua. A viagem de Monsenhor González reeditou no essencial a obra de dom Diego Ladrón de Guevara de Orozco, que foi bispo do Panamá entre 1689 e 1698 e trouxe relíquias de Santa Librada. Depois, foi bispo de Huamanga, em seguida de Lima, onde substituiu o vice-rei, e finalmente de Quito. Morreu no México, e por onde passou levou consigo a devoção a Santa Librada.

A memória das festas de Santa Librada de Las Tablas contém um acontecimento mítico em 1900, durante a guerra civil conhecida como a Guerra dos Mil Dias, quando o Panamá era uma província da Colômbia. O caudilho liberal Belisario Porras, nascido em Las Tablas e educado em Bogotá, dirigia a rebelião na região. Os soldados conservadores de um barco de guerra teriam recuado ao ver na praia milhares de homens armados e uma mulher vestida de vermelho e azul, com uma espada e uma cruz nas mãos, dando ordens como se fosse a comandante da tropa.



Figura 1 - Carimbo do Priorato de Santa Librada, na catedral de Sigüenza, Espanha (século XIII ou XIV). Seria esta a imagem mais antiga?

* Doutor em História Social
Professor Associado da Universidade de Brasília



Figura 2- Imagem central do retábulo de Santa Librada, na capela do mesmo nome, mandada construir pelo bispo português Don Fadrique na catedral de Sigüenza
Autor: Juan de Soreda, 1526-28
A iconografia oficial?

indo à igreja agradecer à sua padroeira, todos viram que ela tinha os pezinhos sujos de areia e as roupas manchadas de sangue. Santa Librada seria então a chave desse mito de origem da nação panamenha. O instrumento do seu martírio é também o emblema das famílias mais antiga da região e, portanto, signo de união contra o inimigo externo; suas cores, azul e vermelho, estão na bandeira nacional criada em 1903; a devoção a Santa Librada pode ter contribuído para o carisma de Belisário Porras (3 vezes presidente do Panamá).

Em Bogotá, capital do vice-reino da Nova Granada, o 20 de julho se tornou um dia especial em 1810. José Maria Caballero registrou em seu famoso *Diário da Pátria Bobe* as festas dos dois primeiros aniversários da Suprema Junta de governo (início do processo que resultaria na independência), sem nenhuma referência a Santa Librada. (Uma imagem desta santa, feita em Quito, já constava do primeiro inventário da igreja do convento e hospital de São João de Deus, fundada em 1723). Em 1813, a província de Cundinamarca separou-se das autoridades provisórias espanholas. Os tesouros das igrejas foram requisitados para financiar a guerra contra as cidades partidárias da monarquia. Na sexta-feira, 16 de julho, declarou-se a independência e foi eleita Nossa Senhora da Conceição como padroeira. No domingo, acenderam-se luminárias para celebrar a independência; na segunda-feira, 19 de julho, plantou-se a árvore da liberdade e mais tarde, toda a representação nacional seguiu o presidente Antonio Nariño à igreja de São João de Deus, de onde saiu em procissão a imagem de Santa Librada até a Catedral; no dia seguinte, a festa foi celebrada solenemente com Te Deum. Começaram os juramentos obrigatórios à independência e a destruição dos símbolos reais; houve touradas e teatro.

A visibilidade de Santa Librada evoca a gente miúda que forçou a renúncia do marquês Jorge Tadeo Lozano à direção da Junta Suprema, em setembro de 1811, e apoiou a presidência de Antonio Nariño. Este era considerado ateu e jacobino, mas, quando em janeiro de 1813 as tropas federalistas de Antonio Baraya marcharam contra Bogotá, Nariño, muitas imagens de santos e a maioria do clero estiveram na mesma trincheira. Nariño nomeou Jesus Nazareno Generalíssimo das tropas e condecorou sua imagem com a insígnia do governo; os soldados levaram a divisa JHS.

Antonio Nariño teria encontrado em Santa Librada um símbolo adequado para estreitar boas relações com o clero e firmar um contato direto e eficaz com a piedade popular. Em 1814, a festa coincidiu com notícias de vitória das tropas de Nariño sobre os realistas em Popayán. Na véspera, houve um grande baile após a imponente procissão que conduziu a imagem à catedral. No dia 20, houve missa de Ação de Graças, exercícios das tropas, touradas, inauguração da porta central da catedral (em obras) e uma comédia feminina com 2.000 assistentes. Seguiram 3 dias de touradas até a festa de Nossa Senhora das Neves. Na efusão dos encontros multitudinários, mesclavam-se a festa cívica e a festa religiosa, culto aos primeiros heróis, memória da independência, Santa Librada e Nossa Senhora das Neves.

A *Novena à Gloriosa Virgem e Mártir Santa Librada, Patrona, Protetora e Libertadora dos Cidadãos da Nova Granada*, redigida pelo presbítero da Ordem Hospitalar de São João de Deus, Frei Miguel Antonio Escalante, em 1815, mostra um elaborado jogo de palavras: Librada, Libertade, Libertadora e Liberal. As severas referências ao pai da santa, "ídolatra infiel / foi teu inimigo mais cruel" e a "Calcias tua ímpia mãe" devem ter sido entendidas como alusões ao rei Fernando VIII e à monarquia espanhola. No fecho dos *Elogios a Santa Librada*, Frei Miguel Antonio Escalante utilizou uma rima sugestiva: como Santa Librada era "tão liberal", ela deveria ouvir "ao Povo em geral". (Pouco depois, Santa Librada desapareceria da cena dominada por Simón Bolívar, o Libertador, cujos adversários se diziam liberais).

Já em 1816, sob o terror da reconquista espanhola, José Maria Caballero registrou em seu diário, entre os fuzilamentos de patriotas presos, as magníficas procissões de Nossa Senhora de Chiquinquirá circulando entre os vários conventos e igrejas da cidade em junho. A recuperação da

Virgem de Chiquinquirá pelos monarquistas contrasta com a fracassada recepção à mesma imagem no dia 5 de maio, quando ela passou por Bogotá com a tropa de infantaria de Manuel Serviez, que tentava inutilmente usá-la como protetora da causa republicana. [O padre Hidalgo, no México, recorrerá a Nossa Senhora de Guadalupe para iniciar a revolução de independência em setembro de 1810; Simón Bolívar, na Carta da Jamaica, levou-o em conta ao avaliar como obter a adesão massiva da população (1815)]

A vitória de Boyacá, em agosto de 1819, e a entrada triunfal de Simón Bolívar em Bogotá, a 18 de setembro, abriram um novo ciclo de festas, centradas na figura do herói. A Constituição da República da Grã-Colômbia fixou a festa nacional nos dias 25, 26 e 27 de dezembro, consagrados à independência de todas as cidades, à sua união numa única República, e aos triunfos e vitórias. Fundiram-se os rezos natalinos tradicionais com os valores da pátria grande bolívariana. São Simão tornou-se uma data festiva importante e, em matéria de imagens femininas, criou-se o culto republicano à heroína Policarpa Salazarrieta.

Porém, Santa Librada continuava alimentando a memória dos primeiros tempos da independência, pois os patriotismos locais que haviam levado à guerra civil na época da "pátria boba" não desapareceram sob a "pátria grande". Francisco de Paula Santander exerceu até 1826 a presidência, enquanto Bolívar dirigia o esforço de guerra e se envolvia nos labirintos da política peruana. Santander introduziu o ensino obrigatório das idéias utilitaristas de Jeremias Bentham e nacionalizou vários conventos para criar colégios republicanos, entre eles os Colégios de Santa Librada de Cali e de Neiva.

Trinta anos depois, os santanderistas (que tentaram assassinar Bolívar em setembro de 1828) se elegeram aproximando-se dos grupos populares, acompanhando a revolução europeia de 1848. Os intelectuais divulgavam idéias igualitárias e socialistas entre os artesãos reunidos nas Sociedades Democráticas e exigiam a libertação dos escravos. Em 20 de julho de 1849, Santa Librada saiu da Igreja de Las Nieves até a Catedral, levada sobre um vistoso andor, em meio a dois anjos que portavam coroas de louros e faixas tricores. À frente ia um carro triunfal com três meninos representando as repúblicas de Nova Granada, Venezuela e Equador¹. O programa de 88 páginas foi concebido para a comunhão dos sentimentos nesta festa liberal de 1849: manumissão de 25 escravos (com gorros frígios), banquete cívico, música, touros, balões, chicha de graça para o povo.

As festas de julho ensejavam enfrentamentos entre "gólgotas" e "draconianos", respectivamente favoráveis e contrários ao livre-cambismo². A abertura do mercado produziu desemprego e insegurança. Formou-se uma guarda civil voluntária e o governo liberal introduziu o tribunal do júri em causas criminais em junho de 1851. O secretário da Sociedade Democrática de Bogotá foi réu da primeira sessão do júri, acusado de assassinato e roubos, e fuzilado na Praça da Constituição, em julho, com 4 companheiros. Outros réus foram condenados a trabalhos forçados no Panamá, destino seguido pouco antes por centenas de escravos, transferidos à companhia construtora da estrada de ferro antes do desfecho da campanha abolicionista. Depois seguiriam centenas de artesãos envolvidos na revolução de 1854 e em outras ocasiões até o fim do século.

As cinzas da Revolução de Melo, sufocada em dezembro, ainda estavam quentes em 20 de julho de 1855 quando o doutor Paulino Antonio Olivos, vigário interino da catedral de Bogotá, proferiu o Panegírico de Santa Librada. O vigário interino explicou o argumento central do panegírico: "Não há dúvida que (a nação mais feliz) é aquela em que o castigo acompanha o delito, em que cada cidadão vê como própria a injúria contra outro cidadão, e na qual todos os membros da associação solicitam diante dos tribunais a aplicação da pena ao injusto agressor, ao delinqüente, e ao assassino." O doutor Olivos propôs uma equação ousada: todo indivíduo ou povo que conheça de verdade o catolicismo prefere a morte à servidão. Reduziu o processo da independência a um



Figura 3 - Hieronymus Bosch, Tríptico de Santa Librada com Santo Antônio (1500 - 1504)
Veneza, Palazzo Ducale, Sala del Magistrato del Conservatori alle leggi
Esta seria uma das primeiras representações iconográficas do martírio de Santa Librada por crucificação

¹ El Neogranadino, 28/07/1849.

² O presidente José Hilario López adotou o livre-cambismo dos Gólgotas. Seu sucessor, José María Obando, era protecionista. Aliando-se aos conservadores, os Gólgotas reduziram os seus poderes. A reação dos Draconianos veio em abril de 1854 com o golpe de estado do general José María Melo, apoiado pelos artesãos.



Figura 4 - Santa Librada, igreja matriz de Las Tablas (Panamá)
Há 4 imagens de Santa Librada em Las Tablas

choque transparente entre o povo católico da Nova Granada e o despotismo do monarca espanhol. Os dirigentes patrióticos queriam fundar não a anarquia, mas a ordem e a liberdade, sob os auspícios da religião. Destacou Simón Bolívar: "o fundador de Colômbia, o gênio da liberdade, o raio da guerra, o Washington da América do Sul, aquele que tinha a palavra do poeta, que empunhava a espada redentora (...) o primeiro homem deste continente, por seu engenho, por seu valor e por seu patriotismo". Essa versão olímpica do passado contrasta com a situação presente. Desgraçada República, que apresentava a imagem de um libertino, mergulhada em guerras fratricidas, a religião desprezada, o sacerdote perseguido. O vigário interino pediu a Deus que em breve a Nova Granada pudesse emular "a República do Norte, que é a admiração deste século, e aquela outra que, nos confins do Sul [Brasil? Confederação Platina?], marcha pelo caminho do progresso bem entendido". Como? "Sendo todos escravos da lei, não tomando a libertinagem por liberdade".

Como que replicando à Novena de Santa Librada em 1815, cujo entusiasmo ecoava nas expressões Liberdade, Libertadora e Liberal, no jogo de palavras do doutor Olivos a Liberdade da independência se deturpa em Libertinagem. A independência se devia ao catolicismo e aos heróis mortos, sobretudo a Bolívar. Santa Librada, no Panegírico de 1855, parece Pilatos no Credo.

Desde o fim da década de 1850, em muitas crônicas sobre as tradições populares publicadas na revista *El Mosaico*, berço da literatura colombiana, está clara a decisão de romper com a politização das festas de julho nos bairros de Las Nieves e San Victorino. Os ritos festivos de crítica social dos artesãos foram ali descritos como exageros de mau gosto que teriam aberto o caminho para a guerra social. *El Mosaico* buscava criar um hiato no tempo, fazendo pensar que, felizmente, tais aberrações "vão se esgotando pouco a pouco." Um cronista, passeando sobre as cinzas ainda fumegantes daquelas festas menciona "a grande falta que nos faz a antiga pompa daquelas alegres corridas de touros", e simula saudade dos antigos entusiasmos coletivos: "como passa tudo?"

Entretanto, a derrota dos artesãos em 1854 não quebrou a memória de Santa Librada. Em 1874, a centralidade da procissão no programa da festa nacional do 20 de Julho é inequívoca: "Às cinco da tarde, procissão das imagens do Cristo dos Mártires (...) e de Santa Librada, que sairá da Igreja da Veracruz até a Catedral (...). Esta procissão será acompanhada pelos funcionários da Nação, do Estado, do Seminário Conciliar, do Distrito, dos Colégios e Escolas Públicas de ambos os sexos, e por um batalhão e banda da guarda colombiana."

Em 1891, retomando as procissões de Santa Librada no Diário de José María Caballero, Pedro María Ibáñez anotou nas suas *Crônicas de Bogotá*: "costume que se manteve até os nossos dias". Em 1910, nas comemorações do Centenário, a procissão de Santa Librada consta do programa, embora ofuscada pelo culto cívico à heroína Policarpa Salavarrieta. Três negativos da coleção do fotógrafo Gumercindo Cuéllar Jiménez mostram a procissão de Santa Librada no Parque dos Mártires, no dia 20 de julho de 1929. Não se trata de um resíduo, um fiapo de memória das antigas festas: os estudantes uniformizados e uma banda militar sugerem continuidade com a procissão de 1874. Em 1938, no quarto centenário da fundação de Bogotá, a procissão de Santa Librada consta do programa oficial.

É preciso explicar tanto a persistência das procissões de Santa Librada nos dias 20 de julho pelo centro de Bogotá como o seu desconhecimento quase total na atualidade. David Sowell, que estudou a trajetória política dos artesãos bogotanos entre 1830 e 1910, afirma que estes se mantiveram atuantes ao longo dessas décadas, apesar da grave derrota de 1854; sua capacidade de intervenção se destacou, por exemplo, no motim de 1875 contra o preço do pão, e no motim contra a polícia em 1893. Sowell deixa claro que cerimônias públicas como o 20 de Julho, o Primeiro de Maio e a Semana Santa davam aos artesãos a oportunidade de se apresentar em público como um grupo social coeso, com valores e emblemas bem definidos.

É provável que a presença de Santa Librada nos festejos do 20 de Julho tenha persistido até o início dos anos 1960 quando coincidem dois acontecimentos apontando diretamente contra ela. Por um lado, o Vaticano recomendava a supressão do seu culto; e por outro, no dia 20 de julho de 1960, durante a comemoração do sesquicentário da independência, inaugurou-se em Bogotá o Museu da Independência – mais conhecido como Casa Museu do 20 de Julho, na esquina da catedral. Uma das peças selecionadas para compor o acervo do novo museu foi a imagem de Santa Librada, que tinha sido retirada da Igreja de Santa Inês onde se encontrava quando esta foi demolida para a abertura de uma avenida. Provavelmente aí é que se interrompeu a tradição inaugurada pelo presidente Antonio Narino em 1813.

A imagem de Santa Librada não mereceu maiores atenções no seu novo endereço até bem recentemente, quando foi restaurada em 2001. Parece que conspira contra ela o peso da obra do historiador José Manuel Restrepo, adversário político de Antonio Narino. Para Restrepo, os assuntos de santos e procissões não passavam de fanatismo, demagogia, "paixões que agitam a plebe". Por isto, perguntar hoje por Santa Librada seria mais uma forma de escapar da "prisão historiográfica" que limita nossas possibilidades de diálogo com o passado. Se a imagem de Santa Librada não é um "lugar de memória" na Colômbia, podemos tratá-la como um "lugar de esquecimento". Por que as muitas linhagens da memória histórica nacional a esquecem ou simplesmente a desconhecem? Como teria sido possível eliminar tão eficazmente a curiosidade de tantas gerações de estudiosos e estudantes que leram o *Diário da Pátria Boba*?

Em novembro de 2005 aconteceu a tragédia conhecida pelos colombianos como o Holocausto do Palácio de Justiça. O movimento guerrilheiro M-19, atacado em suas bases enquanto negociava a deposição das armas, tomou de assalto a suprema corte no centro de Bogotá. As forças armadas recusaram qualquer negociação e retomaram o edifício sem preocupar-se com a sorte das centenas de reféns. As poucas pessoas que conseguiram escapar vivas das chamas e do tiroteio e caíram numa armadilha ainda mais horrível, onde permanecem até hoje, por mais que seus parentes as procurem, é possível que a tenham visto. Estiveram junto com Santa Librada por algumas horas na Casa Museu do 20 de Julho. Quem sabe, rezaram para ela em seu desespero.

REFERÊNCIAS

- BISLENGHI, Atilio. *Lucas y sombras, mil años de amor y devoción a Santa Librada*. Sigüenza: Gráficas Carpintero, 2003.
- CABALLERO, José María. *Diario de la Patria Boba*. Bogotá: Incunables, 1966.
- COLMENARES, Germán. *Las convenciones contra la cultura. Ensayos sobre la historiografía hispanoamericana del siglo XIX*. Bogotá: Tercer Mundo, 1999.
- FRIESEN, Ilse E. *The female crucifix: images of St. Wilgefortis since the middle ages*. Waterloo, ON: Wilfrid Laurier University Press, 2001.
- GONZÁLEZ RUIZ, Sergio. *Veintiséis leyendas panameñas*. Panamá: Autoridad del Canal (Colección Biblioteca de la Nacionalidad), 1999.
- GROOT, José Manuel. *Historia eclesiástica y civil de Nueva Granada*. Bogotá: ABC, 1953.
- IBÁÑEZ, Pedro María. *Crónicas de Bogotá*. Bogotá: Imprenta de La Luz, 1891.
- JUSTINIANO, Fátima. Santa Severa, São Veríssimo e Santa Comba. *Boletim do CEIB*. v. 5, n. 18, 2001.
- LOMNÉ, Georges. *Las ciudades de la Nueva Granada: teatro y objeto de los conflictos de la memoria política (1810-1830)*. Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura. n. 21, Bogotá, 1993.
- NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris: Quarto Gallimard, 1997.



Figura 5 - Santa Librada, Casa Museu do 20 de Julho, Bogotá (Colômbia)

Imagem, produzida num ateliê quinhento no século XVIII, pertencia à Igreja de San Juan de Dios. Entre 1813 e 1959, sua procissão nas vésperas do dia 20 de julho abria as comemorações da independência nacional. Desde que foi recolhida ao Museu do 20 de Julho em 1960, a memória desta relação entre Santa Librada e a Independência praticamente se perdeu.

¹ El Mosaico n. 28, 9/7/1859, "Octava de las Nieves" e n. 25, 29/7/1865, "Epístola a los señores directores de la octava de San Victorio".

² El Chino de Bogotá, 20/7/18740.

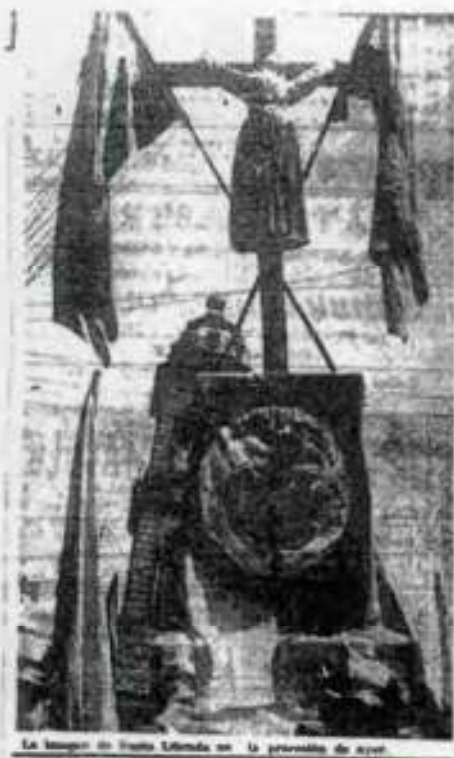


Figura 6 - Foto da procissão de Santa Librada em 1935
Publicada no jornal colombiano El Tiempo, 20 julho 1935

- PECES-RATA, Felipe Gil. Historia de las aperturas del sepulcro de Santa Librada y envíos de sus reliquias. Sigüenza: Gráficas Carpintero, 2006.
- SOWELL, David. Artesanos y política en Bogotá. Bogotá: Pensamiento Crítico/Círculo de Lectura Alternativa, 2006.
- TEDIM, José Manuel. A propósito de Santa Comba e Santa Liberata. Boletim do CEIB. v. 6, n. 23, 2002.
- VALLÍN MAGAÑA, Rodolfo e VARGAS MURCIA, Laura. Iglesia de San Juan de Dios. Bogotá: Arquidiócesis de Bogotá, 2004.
- VELARDE, B. e Oscar, A. Las tablas durante el primer cuarto del siglo XX. Panamá: Universidad de Panamá (Tesis, Maestría en Historia de Panamá y América). 2000.